

AINDA O ROMANCE

De D. Casmurro Ao Tio Gonzaga

Sergio Buarque de Holanda

O recente romance do sr. Luiz Jardim — *As Confissões de meu Tio Gonzaga* (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1949) parece ilustrar admiravelmente aquele valioso princípio de equilíbrio que a sra. Lúcia Miguel Pereira tende a assimilar à atitude humorística, e que transparece sobretudo da obra de Machado de Assis. Princípio que determinaria como um desdobramento do observador, o qual, colocando-se simultaneamente próximo e distante do observado, vê a este “como ele se vê e como o vêem os outros, concebe-o com o calor da criação e com a frieza da análise”.

A relativa inaturalidade de semelhante atitude, tão em contraste com a da novelística de nossos dias, já tive ocasião de aludir aqui mesmo em artigo precedente. Ela visaria, antes de tudo, a preservar a liberdade e integridade do espírito criador que, armado da ironia, consegue se distinguir, se necessário, e sobressair da coisa criada, quando a regra dominante entre romancistas modernos é exatamente o confundir-se o autor com seu mundo e o anular-se nele.

O assunto envolve problemas técnicos e críticos que seriam melhor abordados a propósito de algumas recentes traduções brasileiras de Thomas Mann, o único, talvez, entre os mais afamados romancistas contemporâneos, que (em *José e seus Irmãos* e agora em *Doutor Fausto*) procurou deliberadamente emancipar-se da tirania daquela regra. E é em uma das suas obras mais discutidas que o escritor alemão nos descreve essa forma de independência espiritual do artista com a minúcia objetiva de quem, busca recapturar todos os traços de uma nobre mas já apagada tradição. “O narrador”, diz ele, “está na história, mas não é a história; ele é o espaço dado, mas ela não é o espaço dele, senão que ele está também fora dela, e com uma mudança de sua natureza fica em condições de examiná-la”.

É muito possível, no entanto que não pareçam visíveis, entre nós, as vantagens dessa reabilitação. O que se torna bem explicável se considerarmos que aquela tradição, cujos representantes mais insígnies se chamaram Cervantes e Fielding, nunca se desacreditou completamente na literatura brasileira, e continuando, ao contrário, vivaz e fecunda em vários aspectos, seu reatamento deliberado já não terá o sabor de uma profunda inovação.

É desnecessário salientar que essa sua vitalidade entre nós se prenderia, por sua vez, ao prestígio ainda sem par de que desfruta a obra de Machado de Assis. Reagindo, talvez por temperamento, e muito, sem dúvida, por uma formação mental *sui generis*, contra o estilo de “realização direta”, ele tornou possível, só com seu

exemplo, a permanência de um tipo de narrativa já antiquado na aparência, mas ainda capaz de desenvolvimento. Exemplo em todo caso perigoso, uma vez que esse tipo de narrativa responde a um tipo especial de sensibilidade e esta parece determinar, por sua vez, uma técnica exigente e um estilo inconfundível, de modo que a apreensão de um só desses elementos poderia redundar num perfeito e completo pastiche.

Mas a verdade é que muitas das obras literárias oriundas até certo ponto dessa conjunção de fatores puderam conservar, entre si, apreciável dose de independência. E se é exato que seus autores não deixariam de ser marcados por certo ar de família, nada impediu que tomassem caminhos distintos e mesmo opostos, que sardônica e até caricatural em Lima Barreto, a linguagem do romancista pudesse ganhar o ritmo ondeante e suave, quase lírico, em alguns casos, que vamos surpreender nos escritos do sr. Ciro dos Anjos.

As afinidades que o último livro do sr. Luiz Jardim oferece com esta já numerosa família sugerem que, longe de se terem esgotado suas possibilidades de desenvolvimento ou enriquecimento, o tipo de narrativa que ela representa ainda nos poderá abrir novas e inesperadas perspectivas. Já se tem insistido em demasia sobre as deficiências inerentes a esse tipo de narrativa, sem assinalar devidamente suas vantagens possíveis.

As deficiências estariam em que, dirigindo-se o narrador pessoalmente ao seu leitor, previne qualquer contato direto deste com as personagens ou os fatos narrados. Os acontecimentos hão de projetar-se sobre um plano neutro que,

para manifestar-se adequadamente, requer uma linguagem monótona, sempre igual a si mesma, linguagem *escrita*, que parece querer forçar uma inflexão particular da voz, favorecer um falsete deliberado, onde as coisas perderão parte de sua espontaneidade. E' que precisamente a história não pretende “contar-se a si mesma” na ordem natural dos fatos, mas por intermédio de uma testemunha, que já se distanciou deles e que agora lhes dá a cor de sua discreta nostalgia. “Vejo que divago por força da amargura”, exclama em certa ocasião o Tio Gonzaga. “Desordeno os fatos, comento-os sem nenhum respeito à marcha do passado”. E acrescenta: “Falo do que já se foi. E do que passou toda a ordem está perdida. As minhas emoções de hoje têm relação com a vida ida, e quando a vivi reagi diferentemente. Nem sequer há uma continuidade no sofrimento, porque o tempo altera tudo”.

No caso deste romancista, pode-se ainda associar sua tendência para a narração indireta a certo pudor e timidez inveterados, em face dos aspectos mais provocadores do mundo material. Como seu personagem, para quem a vida só vale a pena desde que se emancipe do “finito visual”, ele também preferirá o reino do “faz de conta”, onde tudo acontece “sem a impureza das coisas que se realizam, sem sujeição ao espaço nem obediência ao tempo”.

É certo que em dado momento e quase a despeito do Tio Gonzaga, que nos refere sua própria história, aquele “finito visual” irá adquirir todo o deslumbramento das coisas apenas possuídas na

por tantos aspectos, se aparenta a esta: o Dom Casmurro.

Apenas a coqueteria de Dona Dulce é enganadora. A aparente placidez de sua vida conjugal encobre uma sinistra mancha, que cumpre apagar a qualquer preço. Seu tio — o mesmo monstro Pimentão, como lhe chamara a irmã de Gonzaga — violara-a quase ainda criança e quando entregue à sua guarda, com o fito único de apossar-se da fortuna que lhe legara o pai. Depois disso, o casamento a que fôra obrigada, não constituía uma reparação, constituía uma confirmação e perpetuação intoleráveis do mal padecido. Revelado a Gonzaga o terrível drama, o próprio adultério converte-se numa redenção e envolve-se num halo de espiritualidade. O narrador torna-se capaz de prodígios a fim de ganhar para sempre a triste vizinha, mas só em sonhos, segundo seu temperamento. E acaba naturalmente por perdê-la como realidade tangível, a fim de guardá-la eternamente na saudade.

NÃO custa ver nessa constante espiritualização e imaterialização da existência uma espécie de correlativo para a já assinalada timidez do romancista em face da vida material. Timidez que se resolve, ao cabo, numa técnica e numa estética determinadas: a técnica e estética da narração indireta. Seria lícito discernir nessa recusa em proporcionar-nos um contato imediato com a realidade física o ponto vulnerável desse estilo de narração. Nela e em outras características, que naturalmente lhe correspondem: a linguagem caprichada e por alguns aspectos artificiosa; a acentuação de pormenores aparentemente secundários, em prejuízo, muitas vezes, da corrente central da narrativa, a linguagem em geral monocórdia e por isso menos tolerável no romance do que no conto...

Todavia esse processo inclui outra vertente por onde compensaria abundantemente tais deficiências. É que só não vem sendo mais largamente explorada em virtude de um preconceito que parece bem típico de nossa época, e que visa a suprimir o romanesco do romance, tanto como o poético da poesia e o oratório da oratória. A verdade é que, distinto e distante do mundo que criou, e autor poderá, neste caso, caracterizar de fora suas criaturas (o que não seria admissível se andasse confundido nelas) de maneira a colorir e forçar certos contrastes em benefício de conjunto. E como entre o leitor e os fatos narrados há um intermediário de carne e osso, que é e não é o autor, e que pode ser ao mesmo tempo um julgador caprichoso, não se dirá que semelhante intimidade foi obtida à custa da verdade psicológica.

Não existirá em tudo isso uma possibilidade de se recuperarem certas virtudes ilustres e hoje olvidadas, sem razão muito plausível, na novelística? Do sr. Luiz Jardim não ousarei afirmar que escreveu um grande livro — e a que obra de ficção brasileira é lícito aplicar tamanho adjetivo? —, mas que com estas *Confissões de Meu Tio Gonzaga* nos ajuda a presenciar alguma coisa dessas possibilidades.

Ainda o Romance (Conclusão)

imaginação. O episódio que forma o núcleo de toda a história principia na hora em que, atraída sua atenção por uma referência despeitosa da própria irmã — a quem sempre votara antipatia —, o narrador deita os olhos na bela e misteriosa vizinha. A partir desse momento a esposa do Pastor, o repelente Pimentão, passa a ocupar em seus pensamentos todo o espaço que deveria ficar reservado à noiva. “O vício da infância acabara nisto: ganhar Dona Dulce pelos sonhos, perder Carmelita em pensamentos, desejo absurdo de um homem sem ação”.

Vai suceder, entretanto, este fato imprevisto: a realidade vulgar e cinzenta — Carmelita — se dissipa diante do sonho e este é convertido subitamente em coisa palpável. Não se revela cruel a vizinha, antes acessível e dadivosa, em face das solicitações de Gon-

zaga. Para ganhá-lo não dispensa mesmo nenhuma das malícias apropriadas à circunstância, e por mais de uma vez chega a lembrarnos a personagem famosa daquela outra história de vizinhos que de-

Rio de Janeiro
domingo
11/6/1950